

THE RIVERMAN¹: A INVENÇÃO DA AMAZÔNIA EM ELIZABETH BISHOP*Alex Santana Costa²**Miguel Nenevé³***Resumo**

Em “The Riverman”, a poeta estadunidense Elizabeth Bishop escreve sobre um suposto ribeirinho amazônico que, a princípio, parece se deixar encantar pelo boto; mas, na verdade, pode-se inferir que seu intuito é se tornar um sacaca, fazendo com que renuncie sua casa, sua esposa, sua vida. Certamente poderíamos sugerir que esse é mais um discurso estereotipado sobre a Amazônia. No entanto, se considerarmos que na ocasião da composição desse poema Bishop ainda não havia visitado essa região, seria possível afirmar que se trata de um discurso superficial e preconceituoso. Entretanto, como a própria poeta estadunidense cita na epígrafe que antecede o poema, que as informações que teriam lhe inspirado a compor esse texto poético “foram extraídas de Amazon Town”, famosa obra do antropólogo norte-americano Charles Wagley – que retratou à audiência internacional uma Amazônia exclusivamente exótica, inóspita, retrógrada e povoada de selvagens e feiticeiros – podemos afirmar, com propriedade, que seu discurso é colonizador, cujo propósito maior é perpetuar a imagem deturpada que muitos escritores vem construindo ao longo de décadas a respeito dessa importante região do planeta, desconsiderando sua importante pluralidade étnica e cultural. Para que essa leitura seja possível, é necessário lermos e analisarmos “The Riverman” sob um viés pós-colonial, uma vez que para leitores comuns Bishop poderia estar apenas trazendo à tona mitos e lendas amazônicas, o que caracterizaria uma importante prática de descolonização. Porém, se considerarmos que nesse poema Elizabeth é o próprio ribeirinho – cujo objetivo é se tornar um sacaca, dominar os rios e todas as criaturas, como o boto, a Luandinha, o pirarucu, etc – sua máscara de colonizadora cai por terra, e seus olhos imperiais nos revelam suas reais intenções.

¹ Poema “O Ribeirinho”, de Elizabeth Bishop, traduzido para a língua portuguesa por Paulo Henriques Britto.

² Discente do Mestrado Acadêmico em Letras, graduado em Letras Inglês e especialista em Língua Inglesa e respectivas literaturas pela Universidade Federal de Rondônia – UNIR, Téc. em Assuntos Educacionais da UNIR, vinculado ao grupo de pesquisa “Literatura, Educação e Cultura: Caminhos da Alteridade”, sob a orientação do Prof. Dr. Miguel Nenevé. E-mail: amazonvoice@yahoo.com.br.

³ Professor do Depto. de Línguas Estrangeiras Modernas da Fundação Universidade Federal de Rondônia. Bolsista Produtividade em Pesquisa do CNPq – Nível 2, Doutor em Letras (Inglês e Literaturas) pela UFSC, com pós-doutorado em Estudos de Tradução (York University).

Palavras-chave: *Amazônia; Elizabeth Bishop; The Riverman; Pós-colonialismo.*

A Amazônia desvenda e esconde a utopia do Novo Mundo. Desde o século XVI até o fim do século XX, quando já se anuncia o XXI, há muito de utopia no que se pensa e diz sobre a Amazônia. São muitos, em todo o mundo, que ainda sonham com a ilusão de que ali se escondem exotismos, deslumbramentos, maravilhas. Muito do que se diz sobre a Amazônia, em prosa e verso, nas mais diversas línguas, expressa a ilusão do outro mundo. Ocorre que a Amazônia tornou-se o emblema de uma utopia situada na natureza (Gondim: 1994).

Escrever sobre a Amazônia poderia ser menos utópico e fantasioso se os muitos escritores que se propõem a investigá-la/explorá-la estivessem interessados em buscar vislumbrá-la e compreendê-la por meio de um viés amplo e multicultural, desprendendo-se daquela antiga ótica colonialista direcionada a detalhes descontextualizados, em que abunda o exotismo na fauna e flora e a incivilidade e o misticismo, nas comunidades locais. Como exemplo contrário a este discurso estereotipado, apresentaremos, sob uma perspectiva multicultural e pós-colonial, o poema “The Riverman / O Ribeirinho”, escrito pela renomada e talentosa poeta estadunidense Elizabeth Bishop a partir da leitura da obra “Amazon Town”, de Charles Wagley, como ela mesma menciona na epígrafe desse poema, e traduzido para a língua portuguesa pelo poeta e tradutor brasileiro Paulo Henriques Britto.

Neste estudo, subsidiados pelos pressupostos teóricos de alguns escritores do pós-colonialismo, investigaremos o discurso dessa poeta, na versão em português, não com o intuito de analisá-lo a partir de princípios e critérios contemporâneos descontextualizados com sua condição de produção e valores sócio-culturais de época, mas como proposta de trazê-lo à tona impregnado desses valores que talvez ainda persistam em nossa sociedade moderna, com vistas a tentar conter sua perpetuação, uma vez que já vem sendo há décadas difundido nos variados relatos literários sobre a Amazônia, como se essa região internacionalmente “conhecida” tivesse sido amplamente e verossimilmente documentada/mapeada/analisaada por escritores diversos (inclusive brasileiros de outras regiões do país) e, intrigantemente, como se ela e nela tudo continuasse estático e, portanto, ainda perdido no tempo.

The Riverman / O Ribeirinho

Elizabeth Bishop / Tradução de Paulo Henriques Britto

[Numa remota aldeia amazônica, um homem resolve se tornar um “sacaca”, um curandeiro que trabalha com os espíritos das águas. O boto é um ser a que se atribuem poderes sobrenaturais; Luandinha é um espírito do rio associado à lua; e o pirarucu é um peixe que chega a pesar duzentos quilos. Essas informações, bem como outras em que se baseia o poema, foram extraídas de *Amazon town*, de Charles Wagley]

Acordei no meio da noite
 porque o Boto me chamou.
 Rosnou à minha janela,
 oculto na bruma do rio,
 mas eu o vi – um homem como eu.
 Me descobri, suando em bicas;
 tirei até a camisa.
 Levantei da minha rede,
 saí nu pela janela.
 A minha mulher roncava.
 Seguindo os passos do Boto,
 fui andando até o rio.
 A lua brilhava igual
 a um candeeiro quando a chama
 está tão alta que começa
 a chamuscar a camisa.

Fui andando até o rio.
 Ouvei o Boto suspirar
 na hora que caiu n'água.
 Fiquei parado, escutando,
 até ele chamar lá de longe.
 Fui penetrando no rio
 e de repente uma porta
 abriu-se pra dentro, rangendo
 um pouquinho, como o dintel
 todo coberto de água.
 Olhei pra trás. Vi minha casa,
 branca que nem um lençol
 esquecido à beira-rio,
 pensei na minha mulher,
 mas eu estava decidido.

Me deram uma cumbuca
 de cachaça e um charuto.
 O fumo subia na água
 feito névoa, e respirávamos
 sem formar nenhuma bolha.

Tomamos cachaça e fumamos
 aqueles charutos verdes.
 A sala se encheu de fumaça
 esverdeada, e fiquei tonto.
 Então uma cobra bonita
 faceira, de cetim branco,

olhões dourados e verdes
 como faróis de uma gaiola –
 ela mesma, a Luandinha –
 entrou e me deu bom-dia.
 Falou comigo umas coisas
 nalguma língua estrangeira;
 mas quando soprou fumaça
 nos meus ouvidos, na hora
 entendi, feito um cachorro,
 mesmo sem saber falar.
 Me mostraram as salas todas,
 Me levaram até Belém
 e voltamos num minuto.
 Nem sei direito aonde fui,
 mas fui longe, e por den'd'água.

Três vezes já estive lá.
 Eu parei de comer peixe.
 Tenho lama na cabeça
 e quando cheiro meu pente
 sinto os odores do rio.
 Meus pés e mãos estão frios.
 Minha mulher me acha amarelo,
 me dá uns chás fedorentos
 que eu joga fora escondido.
 Toda a noite de luar
 eu volto lá outra vez.

Tem coisas que já aprendi,
 mas vou ter que estudar anos,
 que é tudo muito difícil.
 Me deram um chocalho mosqueado
 e um galho de coral verde
 e umas ervas feito fumo.

(Guardo tudo na canoa.)
 Quando o rio se enluara,
 ah, nós viajamos depressa,
 rio acima, rio abaixo,
 pra tudo quanto é lugar,
 por debaixo das canoas,
 atravessando os puçás,
 quando o rio se enluara
 e Luandinha dá festa.
 Três vezes já estive lá.
 As salas brilham prateadas
 com uma luz que vem de cima,
 um rio de luz constante,
 igualzinho no cinema.

Preciso de um espelho virgem
 um que ninguém nunca olhou,
 que nunca olhou pra ninguém,
 pra olhar nos olhos dos espíritos
 e reconhecer cada um.
 Na loja me deram uma caixa

Cheia de espelhos novos,
 mas cada um que eu pegava
 alguém trás de mim se mirava
 e pronto, estragava o espelho,
 que agora só servia mesmo
 pra moça ficar se olhando,
 vendo os dentes e o sorriso.

Sou ambicioso, sim
 quero mesmo me tornar
 um sacaca de verdade,
 como Fortunato Pombo,
 ou Lúcio, quem sabe até
 o grande Joaquim Sacaca.
 Pois veja só: tudo aquilo
 de que a gente necessita
 é no rio que a gente pega.
 O rio rasga a floresta;
 das plantas e pedras do mundo
 ele retira os remédios
 saídos do fundo da terra
 que curam todos os males,
 toda doença que existe –
 é só saber procurar.
 Mas esses remédios se encontram
 no meio do lodo mágico,
 debaixo dos peixes todos,
 uns mansos, outros mortais,
 pirarucus gigantescos,
 tartarugas, jacarés,
 troncos, canoas perdidas,

pitus e surucuranas
 de olhinhos acende-apaga
 como lâmpadas elétricas.
 O rio respira sal,
 inspira e depois expira,
 e lá no fundo encantado
 tudo é macio e doce.

Quando a lua brilha branca
 e o rio faz aquele som
 de chama de fogão a gás –
 aquele chiado que lembra
 cem pessoas cochichando –
 eu hei de estar lá no fundo,
 o chocalho chocalhando,
 o coral dando sinal,
 voando feito o desejo,
 meu manto de peixe mágico
 esvoaçando trás de mim,
 seguindo as veias compridas,
 as veias compridas do rio,
 em busca dos elixires.
 Meus padrinhos, meus primos,

ouço vocês conversando
 dentro das suas canoas.
 Podem olhar cá pra baixo,
 podem até dragar o fundo
 que nunca vão me encontrar.
 Quando a lua brilha branca
 e o rio mama nas tetas
 da terra feito um neném,
 eu trabalho pra vocês
 terem saúde e dinheiro.
 O Boto me escolheu,
 e Luandinha deu fé.

(Bishop, 1999: p.77;79;81;83;85;87;89).

A Amazônia selvagem sempre teve o dom de impressionar a civilização distante, escreve Enclides da Cunha. Ele mesmo, no entanto, deixou-se envolver pela “esfinge”, extrapolando que, realmente, a Amazônia é a última página, ainda a escrever-se, do Gênesis (Gondim: 1994, p.139).

Foi exatamente sob esta perspectiva que Charles Wagley escreveu sobre a Amazônia e Bishop ratificou neste poema. Enquanto ele esteve nessa região e tentou produzir um discurso sobre o que viu, sentiu, fingiu, etc. Bishop, por sua vez, sequer vivenciou o que escreveu. Portanto, no poema que analisaremos, há várias citações de alguns mitos amazônicos, porém sua significação e funcionamento na sociedade que lhe deu vida são desconsiderados e reduzidos a meras crendices que para Bishop fazem parte do imaginário popular dos ribeirinhos que habitam às margens dos muitos rios que compõem a Amazônia.

No início de “O Ribeirinho”, Elizabeth Bishop, narrando em primeira pessoa do singular, faz sua primeira interferência na construção das personagens do boto e do ribeirinho, apresentando-os a sua audiência como sendo homossexuais: *“Acordei no meio da noite / porque o Boto me chamou. / [...] mas eu o vi – um homem como eu. [...] saí nu pela janela. / A minha mulher roncava. / Seguindo os passos do Boto, / fui andando até o rio”* (Bishop: 1999, p.77 – grifo nosso).

Acreditamos que neste trecho Bishop transfere sua homossexualidade para estas personagens, como se elas representassem sua companheira Lota e ela própria, respectivamente, tentando assumir sua sexualidade em um país distante do seu, onde, talvez, as pessoas pudessem exteriorizar seus desejos mais íntimos, como assim faziam os muitos colonizadores europeus ao contatarem com os/as nativos/as das terras que resolverem conquistar. Sob esta perspectiva, podemos inferir que esse discurso de Bishop não se diferencia dos que já vem sendo produzidos sobre a Amazônia e seus povos, como se pode perceber na citação a seguir, do escritor Alberto Lins Caldas:

Como “natureza” vende-se o imaginário ocidental sobre o paradisíaco: lugar onde mora o homem adâmico, as mulheres ‘ainda inocentes e limpas’, os seres intocados do Édem, a pureza do sagrado: vende-se a proximidade com o criador. O descanso como uma purificação do profano nas “águas calientes” do sagrado: sem esses “sonhos mínimos”, realizados ou não, como suportar o trabalho? (Alberto Lins Caldas in Nenevé & Proença, 2001: p.11-12).

É a respeito deste tipo de discurso idealizado, produzido para impressionar uma audiência tão distante e fazer garantir o financiamento das grandes expedições dos bravos

viajantes europeus, em sua maioria, que precisamos, enquanto intelectuais colonizados, reavaliá-lo não com o intuito de marginalizar sua natureza histórica, mas para que seja apenas exemplo de uma época em que a liberdade e o respeito ao outro/diferente inexistia. Para tanto, faz-se necessário resgatá-lo para reconstruí-lo com vistas a coibir seu legado às sociedades que ainda vislumbram o diferente como pobre, bárbaro, feio, ignorante e subdesenvolvido, com olhos imperiais e mãos usurpadoras. É o que também podemos inferir a partir desse ponto de vista a seguir, de Hommi Bhabha:

A herança cultural do colonialismo é posta diante da modernidade não para resolver suas diferenças históricas em uma nova totalidade, nem para renunciar a suas tradições. É para introduzir um outro lócus de inscrição e intervenção, um outro lugar de enunciação híbrido, “inadequado”, através daquela cisão temporal – ou entre-tempo (Bhabha: 2005, p. 334).

E como estratégia de descolonização, reiterando o explanado anteriormente, Fanon propõe que esta prática deve partir dos próprios povos ditos colonizados:

O intelectual colonizado que escreve para seu povo deve fazê-lo com o intuito de resgatar o passado e abrir perspectivas para o futuro... que ele deve sentir a necessidade de falar para sua nação, de compor a frase que expressa o coração do seu povo e se tornar o representante de uma nova realidade em ação. (Fanon: 1963, p. 179-187 - tradução nossa).

Retomando a análise de “O Ribeirinho”, e subsidiados por essa voz que ecoa desde décadas anteriores, podemos observar como Bishop constroi o herói do seu poema, focando no seu ímpeto desbravador de colonizador, aqui, fantasiado de ribeirinho, abrindo mão de sua casa, sua esposa, disposto a mudar sua vida e adentrar em uma aventura “por den’ d’água”:

Fui penetrando no rio / e de repente uma porta / abriu-se pra dentro, rangendo / um pouquinho, como o dintel / todo coberto de água. / Olhei pra trás. Vi minha casa, / branca que nem um lençol / esquecido à beira-rio, / pensei na minha mulher, / mas eu estava decidido (Bishop: 1999, p.79).

Além disso, também podemos pontuar neste trecho o recurso utilizado por Bishop para alimentar o imaginário e a curiosidade de sua audiência estadunidense, o fantástico e o místico momento em que uma porta se abre para dentro da água, não muito distante de relatos de escritores anteriores sobre a utópica Atlântida, como bem expõe o escritor amazônida Márcio Souza:

Muitas hipóteses imaginosas foram levantadas a propósito da ocupação humana da Amazônia. As mais curiosas, por exemplo, falam das audaciosas viagens de certos navegantes do Oriente Próximo, como os fenícios, hebreus e árabes, sem esquecer o

suposto comércio que os habitantes da desaparecida Atlântida teriam mantido com a região (Souza: 2009, p.28-29).

Em sequência, seguindo os passos do boto, a poeta norte-americana, representando o ribeirinho insatisfeito (colonizador), relata seu primeiro contato com as supostas criaturas residentes no interior do rio:

Me deram uma cumbuca / de cachaça e um charuto. / O fumo subia na água / feito névoa, e respirávamos / sem formar nenhuma bolha. / Tomamos cachaça e fumamos / aqueles charutos verdes. / A sala se encheu de fumaça / esverdeada, e fiquei tonto. / Então uma cobra bonita / faceira, de cetim branco, / olhões dourados e verdes / como faróis de um gaiola – / ela mesma, a Luandinha – / entrou e me deu bom-dia (Bishop: 1999, p. 79;81).

Nesse contato, podemos inferir que o ribeirinho estava participando de algum ritual organizado pelas criaturas do fundo do rio. Trata-se novamente do uso de um discurso místico, cuja intenção pode ser a de convencer o leitor de que nesse lugar as pessoas têm hábitos e costumes extravagantes e estranhos. Os participantes estão se embriagando e fumando “*aqueles charutos verdes*”, provavelmente maconha e, por consequência desta, idealizam o surgimento de uma “*cobra bonita, faceira, de cetim branco, olhões dourados e verdes como os faróis de um gaiola – ela mesma, a Luandinha*”? Para muitos estudiosos da poesia de Bishop, ela está apenas trazendo à tona mitos e credices amazônicas, o que caracterizaria, sob um viés pós-colonial proposto por Fanon, uma importante prática de descolonização, pois apresenta ao mundo literário aspectos sócio-culturais de uma sociedade diferente para uma outra que se considera mais desenvolvida em vários aspectos, para não dizer, em todos estes.

No entanto, considerando que Bishop compôs o poema em tela sem nunca antes ter estado em solo amazônico, também podemos sugerir que ela pode estar supondo que se as pessoas nessa região veem criaturas como a Luandinha, é porque estão sob o efeito alucinógeno da maconha. Portanto, o que seria proposta de descolonização torna-se tentativa de uma colonização psicológica, pois como argumenta Octave Mannoni, em uma situação colonial o colonizador não percebe o mundo do outro (colonizado), um mundo em que os outros têm de ser respeitados e não modificados, convertidos ou “civilizados”: “*Apesar de todo seu amor e devoção, os doutores, missionários e outros dificilmente podem ser considerados observadores desinteressados, devido ao fato de eles virem com a ideia de mudar, converter, civilizar*” (Mannoni: 1964, p.3 - tradução nossa).

Nos versos que seguem, Bishop continua retratando o encontro do ribeirinho com as criaturas do rio adentro, bem como as aventuras que elas lhe proporcionaram, pois assim é a vida de um colonizador, repleta de aventura, adrenalina e obstáculos que nunca lhes serão intransponíveis:

Falou comigo umas coisas / nalguma língua estrangeira; / mas quando soprou fumaça / nos meus ouvidos, na hora / entendi, feito um cachorro, / mesmo sem saber falar. / Me mostraram as salas todas, / Me levaram até Belém / e voltamos num minuto. / Nem sei direito aonde fui, / mas fui longe, e por den'd'água. (Bishop: 1999, p. 81).

Além de revelar a tendência que o colonizador tem para conquistar e dominar os lugares mais inusitados e remotos do planeta, estes versos também denunciam o descaso que Bishop sempre teve com a língua portuguesa e deixa claro que ela é de fato o ribeirinho desse poema:

... apesar dos quase vinte anos que conviveu com ele (o português) no dia-a-dia, Bishop jamais conseguiu dominar seus recursos. [...] Bishop confessa numa carta a Drummond: ‘Falo mal o português’. Em 1966, declara a Ashley Brown numa entrevista: ‘Depois de tantos anos, sou como um cachorro: entendo tudo que me dizem, mas não falo muito bem.’ (Bishop: 1999, p.40 – grifo nosso).

Talvez por não ter visitado a Amazônia antes de escrever “O Ribeirinho”, a poeta estadunidense segue discorrendo versos contendo importantes informações sobre essa região sem fazer referência aos seus propósitos de criação e utilização por determinadas comunidades amazônicas, ignorando, assim, seu contexto social, político e cultural:

[...] Minha mulher me acha amarelo, / me dá uns chás fedorentos / que eu jogo fora escondido. / Toda a noite de luar / eu volto lá outra vez. [] / Tem coisas que já aprendi, / mas vou ter que estudar anos, / que é tudo muito difícil. / Me deram um chocalho mosqueado / e um galho de coral verde / e umas ervas feito fumo. / (Guardo tudo na canoa.) / Quando o rio se enluara, / ah, nós viajamos depressa, / rio acima, rio abaixo, / pra tudo quanto é lugar, / por debaixo das canoas, / atravessando os puçás, / quando o rio se enluara / e Luandinha dá festa. / Três vezes já estive lá. / As salas brilham prateadas / com uma luz que vem de cima, / um rio de luz constante, / igualzinho no cinema (Bishop: 1999, p.81;83 – grifo nosso).

Como exemplos do que estamos argumentando, pontuamos a citação superficial de Bishop acerca dos “chás”, para ela, “fedorentos”, utilizados por muitos nativos dessa região com vistas a curar doenças e/ou amenizar inúmeras dores, bem como o conhecimento desses povos acerca da manipulação de “ervas”, não necessariamente a maconha, como parece

propor Bishop ao dizer “ervas feito fumo”; além, é evidente, dos mitos naturalmente construídos, assimilados e transferidos às gerações locais futuras, como o mito da “Luandinha”, também conhecido pela Amazônia como “Honorato Cobra Grande” e “Boiúna”. Também é importante ressaltar a comparação que o Ribeirinho de Bishop faz entre “*As salas... e um rio de luz constante*” que estava vislumbrando como sendo “*igualzinho no cinema*”; comparação equivocada, uma vez que podemos afirmar com propriedade que o cinema inexistia em comunidades ribeirinhas amazônicas à época em que Bishop compôs esse poema, e ainda, talvez, inexistia até os dias atuais.

Portanto, o que podemos constatar nesses versos de “O Ribeirinho” é uma tentativa frustrada de alguém como muito talento e imaginação acreditar que poderia descrever uma região tão complexa como a Amazônia e sua pluralidade cultural sem tê-la conhecido de perto e, principalmente, a partir do olhar de outrem que não a compreendeu satisfatoriamente. Resta ao leitor procurar se maravilhar com o retrato da Amazônia pintado por Bishop ou iniciar uma consubstanciada crítica às lacunas deixadas por essa poeta nesse mosaico cubista amazônico, em que história, povos e cultura são servidos à audiência internacional em bandeja de prata, para continuarem a ser degustados com muito prazer, como bem retrata o escritor Alberto Lins Caldas:

Como “história” vendem-se os “povos primitivos”, os “nativos”, as “comunidades simples”, os “menos complexos”, os “intocados pela civilização”, os que foram domesticados das suas asperezas por todos os tipos de colonialismo e recebem-nos de braços (e pernas?) abertos. E tudo com segurança, conforto e prazer (Alberto Lins Caldas in Nenevé & Proença: 2001, p.12).

Corroborando essa perspectiva, Edward Said, um dos mais importantes escritores do pós-colonialismo, fala sobre a recriação do oriente (neste caso, a Amazônia) pelo ocidente (aqui representado por Bishop/Estados Unidos da América), esclarecendo a tradição do Orientalismo, que

pode ser discutido e analisado como a instituição organizada para negociar com o Oriente – negociar com ele fazendo declarações a seu respeito, autorizando opiniões sobre ele, descrevendo-o, colonizando-o, governando-o: em resumo, o orientalismo como um estilo ocidental para dominar, reestruturar e ter autoridade sobre o Oriente (Said: 1990, p.15).

É exatamente com o intuito de iniciar sua dominação, a princípio, sobre os “espíritos” locais, que o colonizador de Bishop, disfarçado de Ribeirinho, após adquirir determinados conhecimentos dos nativos, tenta fazer prevalecer sua autoridade sobre estes, assim como

propõe Albert Memmi, um outro grande escritor do pós-colonialismo, acerca das estratégias de colonização adotadas pelo colonizador em sua situação de colonização:

Quando o colonizador afirma, em sua linguagem, que o colonizado é um débil, sugere com isso que tal deficiência reclama proteção. [...] Quando o colonizador acrescenta, para não cair na solicitude, que o colonizado é um retardado perverso, de maus instintos, ladrão, um pouco sádico, legitima sua polícia e sua justa severidade (Memmi: 1989, p. 79).

Para tanto, o Ribeirinho em epígrafe coloca em prática seu plano de dominação, afirmando precisar de

um espelho virgem / um que ninguém nunca olhou, / que nunca olhou pra ninguém, / pra olhar nos olhos dos espíritos / e reconhecer cada um. / Na loja me deram uma caixa / Cheia de espelhos novos, / mas cada um que eu pegava / alguém trás de mim se mirava / e pronto, estragava o espelho, / que agora só servia mesmo / pra moça ficar se olhando, / vendo os dentes e o sorriso (Bishop: 1999, p. 83;85).

No entanto, como a estratégia do espelho falhou, o Ribeirinho declara sua grande ambição, se tornar um “sacaca⁴ de verdade” para manipular as ervas, elixires, dominar os rios e todas as suas criaturas, como o boto, a Luandinha, o pirarucu, etc, deixando sua máscara cair por terra, e seus olhos imperiais revelarem suas reais intenções:

Sou ambicioso, sim / quero mesmo me tornar / um sacaca de verdade, / como Fortunato Pombo, / ou Lúcio, quem sabe até / o grande Joaquim Sacaca. / Pois veja só: tudo aquilo / de que a gente necessita / é no rio que a gente pega. / O rio rasga a floresta; / das plantas e pedras do mundo / ele retira os remédios / saídos do fundo da terra / que curam todos os males. / toda doença que existe – / é só saber procurar. / Mas esses remédios se encontram / no meio do lodo mágico, / debaixo dos peixes todos, / [] uns mansos, outros mortais, / pirarucus gigantesco, / tartarugas, jacarés, / troncos, canoas perdidas, / pitus e surucuranas / de olhinhos acende-apaga / como lâmpadas elétricas. / O rio respira sal, / inspira e depois expira, / e lá no fundo encantado / tudo é macio e doce (Bishop: 1999, p. 85;87 – Grifo nosso).

É perceptível que o contato com os nativos proporcionou ao colonizador a aquisição de uma gama de conhecimento, fazendo com que ele aspirasse ser como “*Fortunato Pombo*”, “*Lúcio*” e “*quem sabe até o grande Joaquim Sacaca*”, personagens nativos presentes no livro “*Amazon Town*”, de Charles Wagley. No entanto, muito embora faça citações da fauna e conhecimentos locais, seu discurso retoma o âmbito do misticismo e fantástico para justificar sua incapacidade de sobrepor sua cultura e, principalmente, de concretizar seu plano de

⁴ Curandeiro que trabalha com os espíritos das águas (Bishop: 1999, p.77).

dominação, tema muito bem explorado no diálogo a seguir, das personagens Rosa e Wormoal de “A história do Ventríloquo” de Pauline Melville:

Mas você próprio também contamina os índios, quando passa uns tempos com eles. (Rosa) / Receio que esteja certa. Nós tentamos apenas observar, mas só com nossa presença alteramos as coisas. [...] Nós, os europeus, temos acesso a todos os livros e documentos que faltam a eles. E o que faço com esse conhecimento? Torno-me um catedrático e enriqueço as culturas europeia e norte-americana com ele. (Wormoal – Rosa) / Você faz o conhecimento parecer uma nova forma de poder colonialista. (Rosa) / Mas é claro que sim. A informação é o novo ouro. Você, como pessoa versada no assunto, devia saber disso. Meu conhecimento sobre os índios é uma forma de possuí-los – admito. Nós lutamos pelo território intelectual. / Mas é melhor que roubar-lhes as terras, não é mesmo? (Wormoal – Rosa) (Melville, 1999, p. 77).

Eis aqui um claro exemplo de colonização psicológica, a dominação pelo conhecimento que, ao contrário do que sugere Wormoal, é mais deturpada que roubar as terras de alguém; pois faz brotar no cerne do colonizado um complexo de inferioridade e, conseqüentemente, uma necessidade de proteção seguida de desvalorização de sua própria cultura em detrimento de uma outra taxada, de alguma forma, como superior.

Foi, talvez, o que acabou ocorrendo a partir do encontro colonial entre os ribeirinhos nativos e o “ribeirinho colonizador” (Bishop) do poema analisado neste estudo. Vejamos, nos versos em destaque a seguir, a proposta de liderança, proteção e prosperidade apresentada pelo colonizador, com o consentimento do Boto e da Luadinha:

Meus padrinhos, meus primos, [] / ouço vocês conversando / dentro das suas canoas. / Podem olhar cá pra baixo, / podem até dragar o fundo / que nunca vão me encontrar. / Quando a lua brilha branca / e o rio mama nas tetas / da terra feito um neném, / eu trabalho pra vocês / terem saúde e dinheiro. / O Boto me escolheu. / e Luadinha deu fé (Bishop: 1999, p.87;89).

Face ao exposto, podemos certamente sugerir que esse é mais um discurso superficial e estereotipado sobre a Amazônia, uma vez que teve como base de inspiração a famosa obra “Amazon Town”, do antropólogo norte-americano Charles Wagley, que retratou à audiência internacional uma Amazônia exclusivamente exótica, inóspita, retrógrada e povoada de selvagens e feiticeiros. Além disso, subsidiados pelos pressupostos dos principais teóricos do pós-colonialismo e escritores locais, ousamos propor que esse discurso de Bishop em “The Riverman” é colonizador; uma vez que seu propósito visa a perpetuar uma imagem deturpada que muitos escritores (inclusive brasileiros de outras regiões) já vêm construindo ao longo de

décadas a respeito dessa importante região do planeta, desconsiderando sua importante pluralidade étnica e cultural, como afirmam Nenevé e Proença:

Os discursos produzidos por colegas da universidade, alunos da pós-graduação bem como paulistas a quem relatávamos o projeto acadêmico a ser realizado, surpreenderam-nos, desde o primeiro momento, pela emergência de uma série de representações bastante negativas ou incongruentes a respeito da região. Tais representações mostravam-se carregadas de significados, baseados em imagens estereotipadas, caricaturais e fragmentadas sobre a Amazônia. O discurso de muitos paulistas revelava, sem dúvida, desconhecimento da Região Norte do país, do ponto de vista da geografia, da cultura, do cotidiano, da história, enfim dos principais aspectos constitutivos dessa região brasileira (2001, p.71).

Dessa forma, é importante uma releitura de obras literárias, cujo foco é a Amazônia, com um olhar mais crítico e acurado, desprovido de “inocência” e exclusiva atenção a seu teor artístico e métrico. Pois, caso continuemos com esse tipo de leitura descompromissada, será muito difícil subvertermos a perspectiva que até hoje muitos leitores e escritores insistem em lançar sobre a região amazônica, perspectiva que Fanon já advertia, afirmando que aos olhos do colonizador a colônia é “*o lugar de encontro dos selvagens, um país repleto de superstições e fanatismo, destinado à desgraça, amaldiçoado pelas pragas derramadas por Deus, um país de canibais – em suma, o país dos negros*” (Fanon: 1990, p.170 – tradução nossa).

Referências

- BHABHA, H K, O Local da cultura. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 2005.
- BISHOP, Elizabeth. Poemas do Brasil, seleção, introdução e tradução de Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- CALDAS, Alberto Lins in NENEVÉ, Miguel, COOPER, Martin e PROENÇA, Marilene: Olhares sobre a Amazônia / Looking at the Amazon. São Paulo: Terceira Margem, 2001.
- FANON, Frantz. The wretched of the earth. Preface by J. P. Sartre. London: Penguin Books, 1963.
- GONDIM, Neide. A Invenção da Amazônia. São Paulo, Marco Zero, 1994.
- MANNONI, Octave. Prospero and Caliban: The Psychology of Colonization. Translated by Pamela Powesland. New York: A. Praeger, 1964.
- MELVILLE, Pauline. A história do ventríloquo. Trad. Beth Vieira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

MEMMI, Albert. Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador, tradução de Roland Corbisier e Mariza Pinto Coelho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989, 3a ed.

_____. The colonizer and the colonized. Orion Press, 1965, Inc.

NENEVÉ, Miguel, COOPER, Martin e PROENÇA, Marilene: Olhares sobre a Amazônia / Looking at the Amazon. São Paulo: Terceira Margem, 2001.

SAID, Edward. Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente. Tradução: Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.